

7: Baldus

SP22 Tapirape

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL

PUBLICAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE CULTURA
ÓRGÃO DA SOCIEDADE DE ETNOGRAFIA E
FOLCLORE E DA SOCIEDADE DE SOCIOLOGIA

DIRETOR
FRANCISCO PATI

ANO VI
VOLUME LXXI

SECRETÁRIO
SERGIO MILLIET

OUTUBRO 1949
110 PAULO

SUMARIO

- | | |
|---|---------------------------|
| • TÉCNICA DO JOGO INFANTIL ORGANIZADO | Niraneir Miranda |
| • O CONCEITO DO TEMPO ENTRE OS INDIOS DO BRASIL | Herbert Baldus |
| • OS FOLCLORES REGIONAIS DO PAÍS | Dalmo Belfort de Mattos |
| • NOS BERTÕES DO BRASIL | Dr. Fritz Krause |
| • LINHAS GERAIS DA CASA DE CANDOMBÉ | Edison Carneiro |
| • ALGUMAS IGREJAS DA CIDADE DO SALVADOR | A. Loureiro Sousa |
| • TIETE E A REVOLTA DA ARMADA | Benedito Pires de Almeida |
| • DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO DE APELIDOS LUTO-BRASILEIROS — N | Salvador de Moya |
| • ORIGEM DA LITERATURA PORTUGUESA | Leonardo Pinto |
| • CONVERSA COM UM JAPONÊS | Ruben Braga |

- ORDENS REAIS • PAPIS AVULSOS
• ATAS DA CÂMARA DE SANTO AMARO
• NOTICIÁRIO • PUBLICAÇÕES • JURISPRUDÊNCIA
• DECRETOS • DECRETOS-LEIS MUNICIPAIS

Máquinas e Tipos da Sociedade NERIOLO de Turim
Agência para o Brasil — Rua Brás Cubas, 252 — Fone 4-3111
Agência para o Brasil — Rua Duque de Alagoas, 252 — Fone 43-4825 — Rio de Janeiro

CICHES DE LASTRI & HEIKENS
Rua Andriol do Nascimento, 456 — Tel. 5-7005

[TITLE PAGE]

O CONCEITO DO TEMPO ENTRE OS ÍNDIOS DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

HERBERT BALDUS

(Da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo).

Dos antigos Tupi do litoral que, segundo Thivet (p. 198) "n'observent aucunement les heures du jour, ny les jours mesmes, ny les mois, ny les ans, mais content seulement par lunes", relata Simão de Vasconcellos (p. LXXVI) que notavam "os anos da vida pelos frutos das árvores que chamam acajús, ou pelo Sete-estrela, que nasce em Maio, a que chamam Ceixú".

No século seguinte, isto é, no século XVIII, notícia mais minuciosa a esse respeito foi dada no *Dicionário Português-Brasileiro e Brasileiro-Português*, onde, à página 158, temos: "*Acajú-roxy*: o ano. Como esta árvore só dá uma vez fruto ao ano, contra o costume das outras que dão sempre ou repetem, moveu os índios a contarem a sua idade pelos caroxes que todos os anos se colhem e guardam, com muito cuidado em um pequeno cesto feito para este fim, onde cada ano lançam uma castanha. Também contam o ano pela constelação das Pléiades. Veja-se a palavra Ceixú. Como talvez os de agora não contem a sua idade com os caroxes, bom será que se fale em pretérito".

Obra mais antiga do que o citado *Dicionário*, a saber: o *Vocabulário na Língua Brasileira*, traduz a palavra "ano" tanto pela designação das pléiadas que é *ceixú*, como pelo vocábulo *roig* que, segundo o mesmo livro, também significa "frio".

Nos célebres *Vocabulario y Tesoro de la lengua Guaraní, á mas bien Tupí*, de Montoya, principalmente impressos em 1640, há para "ano" os termos *roi* e *quaracipucú*, significando o primeiro, também: "frio" e "inverno", e o segundo: "sol largo" e "verão".

A obra de Montoya e o *Vocabulário na Língua Brasileira* não contém a palavra *acajú*, pois referiu-se, aparentemente, a partes meridionais da família linguística tupi, isto é, a idiomas de tribais em cujo território havia pouco ou nenhum cajueiro.

Os informes do autor do *Dicionário Brasileiro* e de Simão de Vasconcellos, porém, tratam de índios que achavam abundância do *Anacardium occidentale* L. nos arredores de suas aldeias e lhe deram a maior importância por fornecerem o sumo do fruto estimada bebida alcoólica e as castanhas um ótimo alimento. Na Amazônia usa-se, ainda hoje, o termo *acajú* para dizer "ano", pois no "Vocabulário Nheengatú" de Stradelli (p. 358) encontramos o seguinte verbo: — "O ano, e mais raramente a fruta do cajú. O nome dado ao ano parece que lhe veio pelo fato de contarem os meses que o formam, de um amadurecimento a outro do cajú selvagem. O ano ainda hoje em muitas tribais é dividido em luas, designadas pelo nome da fruta que nela amadurece, da árvore que nela floresce, do peixe que nela aparece. Embora conheçam com agrupamentos e nomes diversos as constelações zodiacais, todavia nunca ouvi servirem-se delas para indicar o mês ou a estação; servem-se delas exclusivamente para regular-se e conhecer as horas da noite".

Não é a última frase de Stradelli que nos leva a duvidar das afirmações de Vasconcellos, do *Dicionário Brasileiro* e do *Vocabulário na Língua Brasileira*, a respeito do papel das pléiadas. É verdade que, entre os Chamacoco, esta constelação regula, também, a noite, pois quando ela nasce, levantam-se esses índios e preparam-se para o trabalho do dia, mesmo sendo pouco depois de meia noite (cf. Baldus: *Indianerstudien*, p. 142). Mas, por outra parte, há vários povos no mundo que, como os antigos Tupi, consideram tanto as pléiadas que os etnógrafos chegaram a lhes atribuir um "ano pléiadar". Segundo Lowie (p. 360), os Maori da Nova Zelândia faziam começar o ano como o novilúnio que seguia a apari-

ção das pléiadas. Em Mühlmann (p. 344) temos: "Na Polinésia contava-se o ano novo desde o começo da estação piçosa e, coincidindo este termo com a aparição das pléiadas em cima do horizonte, distinguia-se um meio ano fértil, *mata-l'i-i-nia*, isto é, *pléiadas em cima*, e um meio ano infértil, ou mesmo fértil, *mata-l'i-i-raro*, isto é, *pléiadas em baixo*. Um ano pléiadar começava-se, também, na Índia".

É digno de nota, além disso, a observação de Métraux (p. 51) que os Tupinambá parecem ter tido as pléiadas por objeto de crenças especiais, estando convictos, segundo um manuscrito inédito de Thivet, que elas favorecessem o crescimento da mandioca, base de sua alimentação. Uma das mais belas lendas dos Taulipáng, tribo karajá do Roraima, conta como as pléiadas vietnamitas, mencionando, também, sua função como indicadores da época chuvosa que, com a chegada de piracemas, traz abundância de alimento (Koch-Grünberg, p. 13).

Entre os Tapirapé não encontrei nada que correspondesse ao referido traço cultural indiano e polinésio. É verdade que a estação chuvosa é de todos os acontecimentos de periodicidade anual aquele que mais interesse tem para estes índios. Mas nada me disseram a respeito das pléiadas. A estação das chuvas representa para eles o contrário do que ela é para os Taulipáng, a saber, não o tempo do bem estar, mas, como dizem os Tapirapé, o tempo das saubras ruins, dos espíritos funestos. Caracteriza a natureza acanhada destes Tupi o fato de darem ênfase à importância principal à época de suas máximas misérias, em vez de fazerem girar o pensamento ao redor da estação seca que é, para eles, o tempo agradável da abundância de víveres vegetais e animais e, com isso, de saúde e prazer em viver.

Segundo Krause (p. 339) os Karajá "contam o ano de um laixar das águas até o outro". Isto é contar com coisa boa, pois quando as águas descem, surgem as praias e alimentos de toda espécie, desaparecem as pragas e torna-se o Araguaia um paraíso.

O que nos induz a pôr em dúvida as citadas afirmações sobre o papel das pléiadas entre os antigos Tupi, é o mesmo que nos faz acreditar em Thivet quando ele diz observarem os Tupinambá, de modo algum, as horas, nem os dias, meses e anos. Conceitos de ano, mês e dia (no sentido da duração de uma rotação terrestre) são já abstrações desnecessárias para culturas como as dos Tupi. Aliás, aparecendo computações tão escrupulosas como os

célebres calendários centro-americanos, nem sequer as chamadas altas culturas andinas (cf. Krickeberg, p. 332), não é de esperar que acharemos vestígios delas entre os povos naturais do Brasil. Onde, contudo estes índios, o horizonte económico e político cria tão pouca necessidade de aperfeiçoar a arte de contar e a nomenclatura numérica, deve faltar, em geral, também a tendência para observações sistemáticas que levem a constatar o ano solar, calcular com ele e precisar sua duração. Se, apesar disso, muitos autores falam de um conceito de ano entre povos naturais, é porque notaram, provavelmente, que tais povos naturais ligavam importância a determinadas estações cujo número, em vista de elas aparecerem só uma vez durante cada época percorrida pela terra ao redor do sol, coincide com o número dos anos solares. Essas estações podem ser caracterizadas pela madureza de uma fruta como o café, pela abundância de peixes, pelo frio ou pelo calor, pela chuva ou pela seca, e tais caracteres podem ser postos em relação com fenômenos celestes como, por exemplo, a aparição das pléiadas. Em todo caso, esses caracteres chamavam tanto a atenção que foram interpretados como marcação de ano, ou pelos povos naturais em questão que, ignorando o nosso conceito de ano, tentaram responder as perguntas a seu respeito, ou pelos próprios investigadores que, desconsiderando as diferenças étnicas, supuseram conhecimento de conceito correspondente. De fato, porém, os índios do Brasil, se bem que se interessam, conforme ao padrão de comportamento de sua tribo, mais por esta ou mais por aquela estação, não contam, em geral, quantas vezes ela aparece, nem quanto ela dura. O conceito de ano, por seu lado, pode resultar, somente, de metódica computação.

O mesmo se dá, naturalmente, com o conceito de mês como duodécima parte do ano. Em todos os citados vocabulários encontramos a palavra "mês" traduzida pela designação tupi de "lun", sem referir, porém, se se trata, unicamente, do movimento sinódico. Aliás, também a duração deste período não é calculada, em geral, pelos nossos índios. Os Tapirape não sabem dizer-nos o número dos dias do mês lunar, ainda que conhecessem a periodicidade da lua, denominando o movimento: *teñu apit*, "lua dorme", ou: *teñu akantxin*, "lua acalou", e o período: *litrabi*, sendo *lu* o sufixo aumentativo, e correspondendo *litrabi*, provavelmente, ao *lun*, "lunar", de Montoya, e ao *yacy icama*, "lua cheia, gorda", de Stradelli. O quarto crescente, enquanto a parte visível não está ainda muito grossa, chama-se *rockanetximquai*, termo que implica o fino e completo tradetá de meados. A quarta grua de

visibilidade deram-se os nomes *haxavilidpiri*, *evyik*, *akavuetia*, três designações cujo sentido não pode averiguar-se que, por isso, devem ficar em quarentena até novos esclarecimentos.

Que os Tapirapé não costumam contar por meses lunares, evidenciou-se quando tentei saber a duração atribuída por eles às épocas que, em suma, correspondem à duração do nosso ano. Distinguiam os seguintes três tempos: *anisa*, "chuva" o tempo pluvioso; *anisa akavik*, o fim do tempo pluvioso; *anisa apim*, "chuva doce", o tempo seco. Atribuam, ainda com certa firmeza, mais ou menos cinco *talik* *akavetia*, "lua *akavetia*", à primeira época, variando os cálculos a respeito da segunda entre um e cinco, e, com referência ao "ano da chuva", entre três e oito.

Se Thoret houvesse que os Tapirapé "contam realmente por luas", *dissepé*, as mesmas luas, que não observam os anos, e não inclinando a admitir que calculavam, como em meu caso, o fimem os Tapirapé, só a pediu em por sugestão do interrogante.

Se Stradelli, referindo-se, provavelmente, a índios da Amazônia visitados por ele, afirma que "o ano ainda hoje em muitas tribos é dividido em luas, designadas pelo nome da fruta que nelas amadurece, da árvore que nelas floresce, do peixe que nelas aparece", devemos supor que, neste caso, como no dos Marikopa, não se trate de meses lunares exatamente conquistados, mas de uma série de épocas de periodicidade anual coincidentes, mais ou menos, com os movimentos similares. Segundo Lorie (p. 339), estes índios do sul de Arica cujo "ano" começa com o desabrochamento das árvores em fins de janeiro, têm duas meses lunares com nomes de luas, mas não se preocupam de sua duração. Isso, com certeza, significa não somente que a diferença de quase cinco dias entre o ano solar e o ano lunar deixa de ser considerada, mas também que o número dos dias do mês não tem importância alguma. Stradelli, aliás, nem sequer alude ao número dos meses.

Apesar de não ignorarem a mudança contínua entre dia e noite, os índios do Brasil, pelo que sei, não têm palavras que compreendam estas duas coisas como unidade. O variável tapirapé não designa, somente, o dia desde o nascer até o pôr do sol, em oposição às trevas da noite, e corresponde ao dia dos citados *fluvitários* *tapé*. Para "noite" os Tapirapé têm os termos *kavik* (ou: *kavik*), *quáia* (ou: *quáia*), *talik* em (ou: *talik* *im*), significando o primeiro, a tarde do dia; o segundo, a noite

ocura e sua luz; o terrível: a noite com luz, o luar. Correspondem em Montoya: *cará, pytá yáti éi*, no Dicionário Brasileiro: *carara, pytáa, yacy rasy*, no Vocabulário na Língua Brasileira: *carara, pátara* ou: *pátara*, *icigwáig*, e em Stradelli: *carara, pátara, yacy-rasy*.

Segundo este último autor, *pytáa*, *pátara* compreende só o espaço de tempo do pôr do sol à meia noite, denominando-se com: *pytáti* (ou: *pytáti*), chamando-se o período da meia noite até ao amanhecer *pátara-patáti*, e designando-se a noite de luar: *yacy pátara*. Não é de estranhar que o conceito de "meia noite" falte entre gente sem religião como os Tapirapé, e se encontrassem as analogias

pátara (ou *pátari*) em Montoya e *pytáti* (ou: *pátáti*) no Dicionário Brasileiro, devemos lembrar-nos que foram escritas por missionários de mentalidade europeia, para o uso de catequizados dispostos a introduzir boa parte dessa mentalidade nos costumes e ideias. Além, o Vocabulário na Língua Brasileira trata a palavra *pytáti* com a tradução: "Noite toda, ou toda a noite". Não encontramos semelhante em tapirapé, nem sequer uma vez parecida com *pátáti*, outra designação de "noite" citada por Montoya.

No vocabulário tapirapé: *karáa*, "mandragua", corresponde em Montoya: *cará*, no Dicionário Brasileiro: *carara*, no Vocabulário na Língua Brasileira: *carara*, e em Stradelli: *carara*.

Para "meia dia", os Tapirapé usavam: *atwátiqáti*. Montoya dia: *apáti*, e o Vocabulário na Língua Brasileira: *apáti*. Em Stradelli, o vocábulo "meio" é: *pytara*.

Segundo novos informantes tapirapé, "hoje" é: *in*; "amanhã": *antawéti*; "ontem" é designado pelo número: *antapáti* 1, e "anteriores" por: *antáti* 2. "Hoje", "amanhã" e "ontem" são, em Montoya: *ang* (*ang áti*: hoje, *táti* o dia não passando), *aywáti*, *ciátiwéti*; no Vocabulário na Língua Brasileira: *játi, ejéti, jéti* (hoje, posterior), *owéti* (hoje, futuro), *ciáti* (ou: *ciáti*), *owéti*, em Stradelli: *niáti* (ou: *niéti*), *antwáti*, *cawéti*. Ora! os Karajá dizem, em português: "deante deão", para designar "depois de amanhã".

Entre os Tapirapé, a conta e unidades indígenas do tempo de um acontecimento passado são, raramente, além de *antáti*, "anteriores", *páti*, em geral, não contam até *atáti* 3, *posteriormente* dizem: *vawáti*, "muito" (em quantidade), ou: *ráti* (ou: *ráti*), "longo" (designando com palavra grande distância, tanto no tempo como no

espaço e estado aparentada, talvez, com *mandari*, "braso", de Montoya. Por outro lado, a respeito de termos futuros distais, freqüentemente, *indatetv*, "amanhã", se lê e que pensam num tempo depois do dia seguinte.

Como, porém, não somente as computações, mas também todas as determinações cronologicamente, demonstrando em si não o grau do desenvolvimento de certas plantas nos épocas em questão, por exemplo, a altura do milho em dia certo de agosto. Tendo passado já anos, o *marrebo* tapirapé entende a não na altura que certa pessoa tinha alcançado naquele tempo, sendo esta pessoa, em geral, o próprio *marrebo*, quando sua idade se habilita para tal demonstração. Se ele tem cerca de cinquenta anos, tendo deixado de crescer, por isso, há dez anos, mas queria indicar um termo passado há cinco anos, servir-lhe-á um exemplo de cinco anos para cinco.

Seja, por fim, mencionando que as palavras *karim*, "mandrengoti", e *kamã*, "amdiyet", servem, também, para a orientação no espaço geográfico, significando a primeira: "este", e a segunda: "a-le". Conforme as explicações que me foram os Tapirapé, os conceitos de norte e sul não existem para eles.

BIBLIOGRAFIA

- HARROLD BALDUS: *Indianentypen im nordöstlichen China*. For-
schungen zur Völkerpsychologie und Soziologie, Leipzig,
1931.
- DIONÍSIO PORTUGUÊS-BRASILEIRO E BRASILEIRO-PORTUGUÊS:
reimpresso integral do edição de 1795, seguida da 2.^a parte,
até hoje inédita, ordenada e prefaciada por Vinícius Ayma. Re-
vista do Museu Paulista, tomo XVIII, São Paulo 1944.
- THOMAS KERN-GUTENBERG: *Vom Koroia zum Chinua*. Band
II, Mythen und Legenden der Tsütsing-mal Archani-Indi-
er, Stuttgart, 1934.

FEITE KRAUSE: *In den Wildnissen Brasiliens*, Leipzig 1911.

WALTER KROCKENBERG: *Amerika*, in: Georg Dautman: *Illustrierte Völkerkunde*, I, Stuttgart, 1922.

ROBERT LOWIE: *Manuel d'anthropologie culturelle*, Paris 1936.

A. MÉTRAUX: *La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus Tupi-Guarani*, Paris, 1928.

ANTÔNIO RUI DE MENEZES: *Vocabulário y Tesoro de la lengua Guarani, ó más bien Tupi*, sexta edição, Viçna, Paris, 1876.

WILHELM MITTMANN: *Wort- und Verberbende*, Braunschweig, 1936.

ERMANO STRABELLI: *Vocabulário da língua geral portuguesa-akéngatá e akéngatá-português*, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t. 104, v. 158, Rio de Janeiro 1929.

ANRIÉ THÉRET: *Les Singularités de la France Antártique*, Paris, 1878.

SERGIU DE VASCONCELOS: *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, Segunda edição, Lisboa 1883.

VIRABOLARDO NA LÍNGUA BRASÍLICA, *monumenti portugês-tupi do século XI II*, coordenado por Plínio Ayrosa. Volume XX da coleção do Departamento de Cultura, S. Paulo 1938.